



**Instituto Superior de Ciências da Educação**

**ISCED – Huíla**

**A PROBLEMÁTICA DOS GOVERNOS NOS PAÍSES AFRICANOS NA ERA DA  
GLOBAZIÇÃO: UM OLHAR A REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE (1990-2015).**

**Autor:** Artur Hossi Quintino Brás

**Lubango**

**2022**



**Instituto Superior de Ciências da Educação**

**ISCED – HUÍLA**

**A PROBLEMÁTICA DOS GOVERNOS NOS PAÍSES AFRICANOS NA ERA DA  
GLOBAZIÇÃO: UM OLHAR A REPUBLICA DE MOÇAMBIQUE (1990-2015).**

Trabalho de fim do curso apresentado para a obtenção do grau de Licenciado em  
ensino de História

**Autor:** Artur Hossi Q. Brás

**Orientador:** Job Raul Upale

**Lubango**

**2022**



**Instituto Superior de Ciências da Educação da Huíla**

**ISCED – Huíla**

### **DECLARAÇÃO DE AUTORIA DO TRABALHO DE LICENCIATURA**

Temos a consciência que a cópia ou plágio, além de poderem gerar responsabilidade civil, criminal e disciplinar, bem como reprovação ou retirada do grau, constituem uma grave violação da ética académica.

Nesta base Eu, Artur Hossi Quintino Brás estudante do instituto superior de ciências da educação da Huíla (ISCED-HUÍLA) curso de ensino da História do departamento de ciências sociais, declaro, por minha honra ter elaborado este trabalho, só e somente com o auxílio da bibliografia que tive acesso e dos conhecimentos adquiridos durante à minha carreira estudantil e profissional.

Lubango, 2021/2022

## **Dedicatória**

A minha amada filha Luisa Adriana Carlos Brás, que me dispertou e motivo a este trabalho e que este trabalho lhe sirva no futuro de de inspiração e superação pelos feitos do pai. A minha esposa pelo DEUS, por ser o meu refúgio e fortaleza em todos os momentos, aos meus Pais pelo apoio incondicional.

Aos meus pais e de forma particular o meu pai Pedro Brás que sempre procurou superar todas as dificuldades apesar da deficiência adquirida durante o conflito armado, ajudou-me muito durante a trajetória académica, com conselhos, conhecimentos, incentivos, críticas e financeiramente. O meu irmão gémio e familiares de forma geral.

## **Agradecimentos**

A Deus pelo dom da vida e por me conceder saúde para conseguir chegar até esta etapa tão importante da minha vida acadêmica, tudo o que ele tem proporcionado em minha vida, saúde, força que reanimava-me para continuar as lutas quando eu caía em desânimo, as bênçãos imensuráveis e sua graça que renova-se em mim a cada dia que passa, e que serviram de combustível para a concretização de mais um passo ou grau acadêmico. Sim a Ele toda honra e glória sejam dadas!

Agradeço profundamente a minha família especialmente aos meus queridos pais Pedro Brás e Justa Noloti, pelo investimento feito nos meus estudos, que para eles não foi nada fácil mas tudo fizeram e fazem para a minha formação, a força e o incentivo que sempre demonstram.

As duas mulheres que mudaram o sentido da minha vida: a minha esposa Isabel C.T. Carlos Brás, agradeço a sua compreensão nos momentos bons e maus, mesmo ainda em fase de namoro e a minha filha Luisa Adriana Carlos Brás, aos meus 13 irmãos em especial o meu gêmeo António Brás, que foi sempre meu colega nas escolas onde passamos e tivemos o privilégio de partilhar bons e maus momentos.

Explicito aqui a minha gratidão aos meus familiares de forma que de forma generosa contribuíram com muitos conselhos e ajuda material em alguns casos da minha formação, com particular destaque dos tios Joaquim Quintino; Artur Bento; Manuel Cassoco; Gaspar Quintino; José Mariano Dos Santos; Sabino Miranda e Armando Quintino. As tias Catarina Miranda e Lúcia Abel. Os meus cunhados Abel Zacarias; António Chimuco; Dinis Mendes e Agostinho Java.

Os meus padrinhos de casamento Luís Gabriel e Maria Madalena Chiwale

Um carinho especial aos meus distintos amigos José A. Sapalo; Wilson Tchongolola; Anderson Afonso; Armindo Camutar pela força que significa muito para mim.

Os ilustres colegas dos mais variados níveis de ensino que frequentei, meus agradecimentos.

Agradeço ao meu professor orientador Job Raul Upale, por aceitar orientar-me nestes trabalho, a sua paciência e dedicação durante o trabalho, ao Dr.Helder Maiunga; Dra.Mariete Costa; Professora Lidia Catimba; mestre Isaac Calenga; Dr. Helder Bahu; o Mestre Lucas Tchicoco e ao já falecido Doutor Luís Adriano, foram os que marcaram a minha estadia em quanto estudante do ISCED-HUÍLA, criaram em mim um novo espírito de estudo e caminhos de explicabilidade, que me fizeram acender à construção de uma progressiva compreensão inteligível.

Uma menção aos meus sogros José Carlos e Maria Balombo.

A Doutora Edna Arienti Chiumbo Ferreira do Fundo de Garantia Automovél, pelas dispensas em horários de trabalho para permitir estudar.

O significado do silêncio para os e as, que não enuncio, que com diligência tranquilidade e subtileza configuram os espaços e os tempos no meu crescimento científico, profissional e pessoal.

## Resumo

O trabalho ora apresentado tem como tema: A Problemática Dos Governos Nos Países Africanos Na Era Da Globalização: Um Olhar A República De Moçambique (1990-2015). E o mesmo teve como pergunta de partida: Que postura devem ter os países africanos em particular Moçambique face a globalização? Assim sendo procurou-se, dar resposta a pergunta elaborada.

De forma científica, objectiva e clara elaborou-se como objectivo geral: analisar a problemática dos governos nos países africanos na era da globalização: um olhar a república de moçambique (1990-2015). Quatros objectivos específicos: 1- Compreender a queda do Muro de Berlin e o seu impacto na política interna de Moçambique; 2-Explicar as razões dos conflitos permantes entre a Renamo e a Frelimo; 3-Descrever os conflitos em Moçambique face a globalização; 4-Identificar os prós e os contras da liderança moçambicana face a globalização.

Assim sendo, no primeiro capítulo, fizemos uma sùmula da globalização em África e também abordamos de forma sùntetica algumas especificidades de Moçambique. No segundo Capítulo, abordou-se a temática em causa, no contetexto da globalização, os avanços, recuos, os desafios internos e externos que Moçambique tem enfretado face a globalização.

Os métodos utilizados neste trabalho foram: método histórico, método comparativo e o método de pesquisa bibliográfica. Duas técnicas: bibliográfica e entrevista. O tipo da nossa pesquisa é descritiva. A conclusão da nossa pesquisa é que a globalização é um sistema que tem vindo impondo a muitos países africanos programas de ajustamento estrutural, exigindo a aceleração das relações de produção capitalistas típicas das economias desenvolvidas e a sua abertura ao mercado mundial diluindo ou esmagando as relações de produção dos países em via de desenvolvimento impondo-lhes “normas internacionais”. Concluimos também que em tempos de globalização acelerada, nenhum país, por mais rico, é hoje imune às consequências negativas da pobreza e do subdesenvolvimento dos outros menos globalizados. Logo não pode-se esquecer os países envia de desenvolvimento porque, ignorar o atraso dos países mais distantes económicamente é muito arriscado sobretudo nesta era da globalizaçã.

## **Abstract**

The work presented here has as its theme: The Problem of Governments in African Countries in the Era of Globalization: A Look at the Republic of Mozambique (1990-2015). And the same had as a starting question: What attitude should African countries, in particular Mozambique, have in the face of globalization? Therefore, an attempt was made to answer the question raised.

In a scientific, objective and clear way, the general objective was elaborated: to analyze the problem of governments in African countries in the era of globalization: a look at the republic of Mozambique (1990-2015). Four specific objectives: 1- Understand the fall of the Berlin Wall and its impact on Mozambique's domestic politics; 2- Explain the reasons for the ongoing conflicts between Renamo and Frelimo; 3- Describe the conflicts in Mozambique in the face of globalization; 4- Identify the pros and cons of Mozambican leadership in the face of globalization.

Therefore, in the first chapter, we made a summary of globalization in Africa and also briefly addressed some specificities of Mozambique. In the second Chapter, the subject in question was addressed, in the context of globalization, the advances, setbacks, internal and external challenges that Mozambique has faced in the face of globalization.

The methods used in this work were: historical method, comparative method and the bibliographic research method. Two techniques: bibliographic and interview. The type of our research is descriptive. The conclusion of our research is that globalization is a system that has been imposing structural adjustment programs on many African countries, demanding the acceleration of capitalist production relations typical of developed economies and their opening to the world market, diluting or crushing the relations of production in developing countries by imposing "international standards" on them. We also conclude that in times of accelerated globalization, no country, however rich, is today immune to the negative consequences of poverty and underdevelopment of less globalized countries. Therefore, one cannot forget the countries that are sending development, because ignoring the backwardness of the most economically distant countries is very risky, especially in this era of globalization.

## **Lista de Siglas e Acrônimos**

ASEAN: Associação de Nações do Sudoeste Asiático.

AGP: Acordo Geral de Paz.

B.M: Banco Mundial

E.U.A: Estados Unidos da America.

FDS: Forças de Defesa e Segurança.

FMI: Fundo Monetário Internacional.

FRELIMO: Frente Nacional de Libertação de Moçambique.

GATT: Acordo Geral de Tarifas e Comércio.

L.N: Liga das Nações

NAFTA : Acordo de Livre Comércio da América do Norte.

O.M.C: Organização Mundial do Comércio

PIB: Produto Interno Bruto.

PPPs: Parcerias Público-privadas.

PNUD: Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento.

ONU: Organização das Nações Unidas.

RENAMO: Resistência Nacional de Moçambique.

SADCC: Conferência para a Coordenação do Desenvolvimento da África Austral.

UA: União Africana.

UE: União Europeia.

URSS: União das Repúblicas Socialistas Soviéticas.

## Índice

Dedicatória.....	i
Agradecimentos.....	ii
Resumo.....	iv
Abstract.....	v
1-Introdução.....	8
2-Motivação da Escolha do Tema.....	8
3-Relevancia da Pesquisa.....	8
4-Problema Científico.....	9
5-Objecto de Estudo.....	9
6-Obectivos.....	9
7- Campo de Acção.....	9
8- Definição de Conceitos Chave.....	9
9- Opção Metodologica.....	11
10- Técnica de Pesquisa.....	12
11- Tipo de Pesquisa.....	13
Capitulo I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA.....	12
1.1– Estado da arte.....	12
1.2- Beve historial da Globalização.....	15
1.2.1- Surgimento da Globalização.....	15
1.2.2- Expansão da Globalização.....	17
1.3- A África e a Globalização.....	21
1.4- Beve historial da República de Moçambique antes da indempêndecia..	24
1.5- Moçambique no Pós Independência (1975-1991).....	27

Capitulo II – A PROBLEMÁTICA DOS GOVERNOS NOS PAÍSES AFRICANOS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO: UM OLHAR A REPUBLICA DE MOÇAMBIQUE (1994-2020).31

2.1- A queda do Muro de Berlin e o seu Impacto na Política Interna de Moçambique. .....	31
2.2- Os conflitos permantes entre a Renamo e Frelimo.....	34
2.3- As Razões dos Contecioso em Moçambique Face a Globalização.....	36
2.3- Os Prós E Os Contras Da Liderança Moçambcana Face A Globalização...	39
Conclusão.....	44
Sugetões.....	45
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
Anexos.....	52

## INTRODUÇÃO

## **1-Introdução**

Sendo a História uma ciência multidisciplinar que se dedica ao estudo do homem no tempo, o estudo do seu passado é, essencial para compreender melhor os processos de mudanças ao longo dos tempos. Assim sendo, procuramos neste trabalho cujo tema é: a problemática dos governos nos países africanos na era da globalização: um olhar a república de moçambique (1990-2015). Fizer uma abordagem científica. Onde apresentamos uma problemática; a importância teórica e prática que o tema encerra para a comunidade académica e não só; a metodologia utilizada no processo de pesquisa, bem como uma revisão bibliográfica, com a finalidade de analisarmos a República de Moçambique na era da Globalização. Sabemos de ante-mão que o país em estudo alcançou sua independência a 25 de Junho de 1975, tendo se chamado então na altura de República Popular de Moçambique. A Constituição entra em vigor na mesma data e foi revista três anos depois, definiu a nova república como um Estado operário-camponês e manteve o papel dirigente da Frelimo na sociedade moçambicana.

## **2-Motivação da Escolha do Tema**

É de realçar que, a globalização, é um fenómeno que veio para ficar e o continente Berço tem experimentado muitas dificuldades face a tal realidade. Dizer que a República de Moçambique que anteriormente foi uma colónia portuguesa, e outra como Angola, tão logo que alcançaram suas independências mergulharam num conflito profundo e profuso. Este problema que remonta a longas décadas, nos remeteu a abordagem do mesmo, para percebermos com mais profundidade as razões da problemática dos governos face a globalização. Daí a razão da escolha do Tema supracitado que achamos ser pertinente e bastante cabaludo.

## **3-Relevancia da Pesquisa**

A presente investigação busca dar subsídios nos seguintes aspectos:

**No Ponto de Vista Teórico:** ajudará a perceber a problemática dos governos nos países africanos na era da globalização: um olhar a república de moçambique (1990-2015), pois ela é importante para a sociedade académica e não só, no que toca ao conhecimento da História de África.

**No Ponto de Vista Prático:** Por outro lado, após a investigação, desejamos colocar a monografia ao dispor dos docentes, discentes e ao público no geral interessados pelo assunto para futuras pesquisas.

#### **4-Problema Científico**

Para o presente trabalho elaborámos a seguinte pergunta de partida:

Que postura devem ter os países africanos em particular Moçambique face a globalização?

#### **5-Objecto de Estudo**

O objecto de estudo segundo Markoni e Lakatos (2007) é o assunto que se deseja provar. Neste caso o objecto de estudo da nossa investigação circunscreve-se a problemática dos governos em África o caso de Moçambique (1990 a 2015).

#### **6-Obectivos**

##### **6.1- Objectivo Geral**

Analisar a problemática dos governos nos países africanos na era da globazição: um olhar a republica de moçambique (1990-2015).

##### **6.1- Objectivos Específicos**

1-Compreender a queda do Muro de Berlin e o seu impacto na política interna de Moçambique;

2-Explicar as razões dos conflitos permantes entre a Renamo e Frelimo;

3-Descrever os conflitos em Moçambique face a globalização;

4-Identificar os prós e os contras da liderança moçambcana face a globalização;

#### **7- Campo de Acção**

O presente trabalho tem como campo de acção, a África, propriamente em Moçambique.

#### **8- Definição de Conceitos Chave**

**8.1- Africanos:** *adj. E s. m* da África e nos dizeres de Camacho e Tavares (2014,p.26) o termo africano tem uma derivação do termo África, termo este que passou a ser utilizado no século I a.C, pelos os romanos à região situada a sul e Oeste da Eurásia (grande bloco continental formado pela Europa e Ásia), mais concretamente à região Norte do continente, correspondente à actual Tunísia e onde se situava a cidade de Cartago, centro do império Cartaginês. Progressivamente o termo África passou a abranger todos os territórios para sul.

Já para o Altunaga e *tal* (2012,p.34) o continente africano tem como fronteiras: a Norte o Mediterrâneo, Sul e Este o Oceano Índico a Oeste o Oceano Atlântico e a nordeste o Mar Vermelho. É o terceiro maior continentee ocupa uma área de pouco mais de 30 milhões de km<sup>2</sup>, com 8000 km de comprimento e 7000 km de largura máxima, aproximadamente. Possui 54 países, entre eles o Sudão do Sul, o mais jovem do mundo (independente em 2011). O facto de a maioria das capitais estarem localizadas no litoral, mostra-nos de ante-mão uma total dependência económica de trocas e relações comerciais com as regiões do exterior e com maior destaque a Europa, devido os aspectos históricos e recentemente a Asia com destaque a China.

**8.2- Globalização:** nos dizeres de Callinicos (2002,p.10) globalização é a interligação demasiada e interdependência entre Estados, organizações e indivíduos do mundo inteiro, e ela verifica-se não só na do ponto de vista do intercâmbio económico, porém, também verifica-se na interacção político-social. Assim sendo podemos dizer que, o mundo já não é isolado como antes isto é certos factos, deliberações e actividades em determinadas regiões do mundo têm significado e consequências directas em regiões muito distintas da outra parte do mundo.

Quém comunga da mesma ideia é Bahuman (S/d, p.3) globalização é a palavra que está na ordem do dia, palavra está que rapidamente se transforma em um lema, uma «maravilha mágica», um sistema bastante capaz de mudar tudo em apenas em segundos no presente e ter repercursões no futuro. Bahuman trás uma espécie de discussão teórica quando diz que para alguns, a ideia nos dias de hoje é que a globalização é o que devemos fazer e ter em conta se quisermos ser felizes, porém outros, é a causa da nossa infelicidade. E vai mais longe ao dizer que para todos,

porém, globalização é o destino inevitável do mundo, mais um passo da evolução humana que já não voltará atrás. A globalização é inevitável todos nós seremos e somos globalizados não interessa a região ou o local aonde estivermos.

Pedro *etal* (2015, p.2) globalização é um acontecimento raro social-político-econômico que remete todas as classes sociais num único modo de vida, mudando diretamente o desenvolvimento de qualquer sociedade. É uma dinâmica irreversível que tem como principal fim uma progressiva segregação espacial, separação e união, em que o desemprego vai sendo um dos principais males e há um elevado índice de pobreza e um déficit na qualidade de vida, e os principais vencedores são as classes que detêm o poder.

**8.3- Governos:** segundo Camacho e Tavares (2014,p.26) *s.m.* acto ou modo de governar; Administrar a coisa pública.

**8.4- Moçambique:** Grande enciclopédia portuguesa e brasileira(1999,p.93) país localizado no sudoeste africano, superfície total: 799 380 Km<sup>2</sup> entre a África do Sul e a Tanzânia. Fronteiras: África do Sul 491 Km; Maláui 1569 Km; Suazilândia 105 Km; Tanzânia 756 Km; Zâmbia 419 Km; Zimbabué 1231 Km. País de língua oficial portuguesa; moeda Metical; capital Maputo; natureza do estado República. Do ponto de vista do relevo, a região a norte do rio Zambeze é um grande planalto, interrompido por uma pequena planície costeira. Já a sul domina uma vasta planície, onde se destaca o rio Limpompo. A orografia facilita o escoamento das águas para o oceano Índico. A maior parte dos rios situa-se no centro e no norte do país estes rios têm numerosos fundos baixos, situação está que dificulta a navegação, assim como as frequentes secas e cheias que tornam seus rios muito irregular. O clima é humido e tropical com duas estações bem acentuadas. Principais recursos naturais: Cobre, Carvão e Gás natural.

## **9- Opção Metodologica**

Segundo Prodanov e Freitas (2013,p.24), a Metodologia é a utilização prática de processos e técnicas observadas afim de se construir um conhecimento, solido com a intensão de comprovar a sua validade e utilidade nos diversos âmbitos da sociais.

Assim sendo, Prodanov e Freitas (2003, p.33), definem o Método como sendo o caminho a ser percorrido pelo pesquisador, desde o início de sua pesquisa, com a formulação de um problema, até a comprovação da hipótese, ao fim da pesquisa.

Ávidos de alcançarmos os nossos objectivos supra traçados, trabalharemos com os seguintes métodos:

**9.1- Metodo Histórico:** Para Marconi e Lakatos(2007,p.107) o método historico consiste em investigar acontecimentos, processos e instituições do passado para verificar sua influencia na sociedade de hoje, pois as isntituições alcançaram sua forma actual por meio de alterações de suas partes componentes, ao longo do tempo, influenciadas pelo contexto cultural particular de cada época.

**9.2- Metodo Comparativo:** Segundo Gil (2008,p.16) centrado em estudar semelhanças e difernças, esse método efectua comparações com a finalidade de verificar resultados e explicar divergencias de grupos no presente, no passado ou entre os existententes e os do passado, quando entre sociedades de iguais ou diferentes estágios de desenvolvimento.

## **10- Técnica de Pesquisa**

**10.1- Entrevista:** Prodanov e Freitas (2013,p.16) entrevista é a etapa que dará início a pesquisa propriamente dita, com a busca exaustiva dos dados recorrendo-se aos tipos de pesquisa mais adequada ao tratamento científico do tema escolhido. Contudo, a entrevista, utilizaremos no segundo capítulo, pois servirão de embasamento para a referida pesquisa. Utilizamos a entrevista não estruturada técnica adquada para uma investigação do tipo qualitativo.

### **10.2- Pesquisa bibliográfica e documental**

É aquela que é desenvolvida a partir de material já publicado, constituído principalmente de livros e artigos científicos” (Gil 2008,p. 28). Ela é importante, pois, além de ser autónoma, isto é, independente das outras serve de base para o fundamento e alcance dos objectivos de outros tipos de pesquisas, pois ela constitui base e também das próprias pesquisas descritivas e experimentais. Este permitirá a busca de conhecimentos acerca do tema em livros, jornais, revistas e outros documentos já publicados.

Para Oliveira (2007,p.31), a pesquisa bibliográfica e documental é o ponto de partida de toda a pesquisa, levantamento de informações feito a partir do material colectado em livros, revistas, artigos, jornais, sites da internet e outras fontes escritas.

### **11- Tipo de Pesquisa**

A pesquisa descritiva: esta pesquisa não requer a formulação de hipóteses para serem testadas, ela se restringe por definir objectivos e buscar mais informações sobre determinado assunto de estudo, portanto ela seria um passo inicial para o projecto de pesquisa. A pesquisa descritiva é recomendada quando há pouco conhecimento sobre o problema a ser estudado (Prodanov e Freitas 2013.p,42).

## **CAPÍTULO I: FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

## Capítulo I – FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1– Estado da arte.

A zona austral do continente africano de forma particular e, de forma geral a África no seu todo, tem vivido momentos adversos a sua própria matriz uma vez que, enfunção da situação globalizante e globalizadora que o mundo vive a África experimenta muitas dificuldades, sociais, económicas e, políticas o que tem causado bastante problema sobre tudo no país em estudo. Uma vez que o nosso trabalho faz uma abordagem histórico-política da região austral do nosso continente, sobretudo o caso de Moçambique, procuramos consultar algumas obras que de forma cabal ao nosso ver daram bastante sustento teórico acerca da temática em estudo, subordinada ao tema: **A Problemática Dos Governos Nos Países Africanos Na Era Da Globização: Um Olhar A Republica De Moçambique (1990-2015).**

Assim sendo recorreremos nos seguintes autores: Grande enciclopédia portuguesa e brasileira (1999); Tor Sellström (2008); Hilario Simões Cau (2011); Rocha (2013); Alfredo Camacho e António Tavares (2014); Miguel Junior (2017);

Página Editora (1999) **Grande Enciclopédia Portuguesa e Brasileira** nesta enciclopédia, percebemos que a independência de Moçambique teve como seu principal ícon Eduardo Mondlane, que viria morrer antes da proclamação da independência do seu país. Após a sua morte a liderança da FRELIMO passou para Samora Machel, que chegou a proclamar a independência de Moçambique e que também tal como Mondlane teve um fim trágico infelizmente.

de Tor Sellström (2008) **A Suécia e as Lutas de libertação Nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau**, é um livro que trata como é que foi o processo de emancipação de Angola, Guiné-Bissau e Moçambique. Tor Sellström, para além de fazer uma radiografia destes três países, também, faz uma síntese de alguns países da África austral e oriental como: Namíbia (antigo sudoeste africano), África do Sul (do regime segregacionista e racial), Zâmbia (antiga rodésia do norte), e Zimbábue (rodésia do sul). Foi possível também perceber, como é que os representantes dos movimentos de libertação da África Austral, eram financiados com fundos oficiais suecos, e por outros países nórdicos, embora por vezes, outros países europeus

também participassem. No caso da SWAPO na Namíbia, por exemplo, a Alemanha Ocidental e a Áustria estavam no raio de actuação do representante com sede em Estocolmo. Nesta mesma obra, também foi possível perceber o porque dos conflitos entre Angola independente e a África do Sul do regime segregacionista e, por outra como é que a África do Sul segregacionista servia de tampão para a não dependência e ao desenvolvimento de Moçambique.

Hilario Simões Cau (2011) **A Construção do Estado em Moçambique e as Relações com o Brasil** foi notório neste livro que, o Brasil tem sido um dos maiores parceiros da África Austral, neste caso com maior insidência em Moçambique. Percebemos também que o apoio do Brasil para Moçambique, singe-se com maior destaque nas duas primeiras eleições em 1994, e 1999. Vários acordos desde que Moçambique alcançou a independência aos 25 de Junho de 1975, a destacar as acções de cooperação institucionais voltadas para a formação e transferência de tecnologia na agricultura, educação (em especial à educação técnico-profissional e o ensino a distância), Saúde e energias renováveis (biocombustíveis). Notamos também, que os países em desenvolvimento sentem-se um pouco distante e desolados com a actuação do Conselho de Segurança da ONU, segundo estes o conselho de seguramça continua a viver no passado e trata os membros da Organização de modo desigual, e quando uma nação poderosa a ameaça uma nação fraca, o consenlho de segurança fecha os “oleos”. Esta situação tem estado a ameaçar as relações entre os países, bem como regiões e continentes. A África está a olhar para o Brasil, para a India, para a China e para a África do Sul (BRICS) como parceiros para criar equilíbrios nas suas relções internacionais. São estes países que estão aumentando a sua ajuda aos países em desenvolvimento em África em sectores como agricultura, manufacturas e mineração.

Milton Alberto Sousa Rocha (2013) **A Guerra Fria no Sul de África e Respectivas Consequências: Angola e África do Sul, 1975-1994** o autor faz uma análise profunda e profusa sobre a guerra fria, no seu expoente máximo enquanto conflito global entre as superpotências (EUA e URSS) e fala também das respectivas ideologias pelo controlo socio-político-militar mundial, o mesmo faz uma divisão do mapa geopolítico do planeta em duas esferas polarizadas de acordo com a filiação

com o seu bloco influenciadas por forças ântagonicas, tal oposição resumi-se num mundo ocidental versos bloco de leste. Dizer tbm que o mesmo durou cerca de 45 anos, este confronto que nunca chegou a envolver material bélico entre os contendores, baseava-se em: Pacto de Varsóvia e NATO no cenário internacional diga-se tbm em abono da verdade que este conflito, atingiu fases intensas muito preocupantes - iminência de guerra nuclear e outras. Contudo, o nome de Guerra Fria surge com intuito dela não ter atingindo a fase atmica e directa, de uma guerra bélica, envolveu os dois oponentes numa disputa em vários teatros mundiais por meio de auxílio a governos, guerrilhas afectas  ideologia respectiva, tendo sido a zona austral africana onde tal se verificou com exemplar veemência a partir de 1975, com consequências sentidas em meados dos anos de 1990.

Alfredo Camacho e António Tavares (2014) **Dicionário Da Língua Portuguesa Com Apêndice Histórico-Geográfico**, neste dicionário, do ponto de vista histórico podemos perceber com melhor claresa, a origem histórica de Moçambique, e a FRELIMO, que surgiu em forma de movimento são mais tarde  que se tornou partido, e tbm o surgimento da RENAMO. Por sua vez na vertente geográfica, foi possível perceber com exatidão e precisão a localização de moçambique, a sua dimensão territorial, suas fronteiras, sua hidrogrfia, bem como os outros recursos naturais, com maior destaque o carvão mineral.

Miguel Junior (2017) na sua obra cujo título é: **A Guerra na África Austral análise da estratégia total nacional da África do sul-1948/1994** o autor compreende que necessita de uma visão mais abrangente sobre a África Austral e a mesma passa pelo estudo da estratégia sul-africana, como um dos mais significativos agentes de longo prazo neste processo. Ao fazê-lo, o autor inova em termos teóricos, nomeadamente em termos da teoria da estratégia e das relações internacionais. Os seus avanços mais significativos dizem respeito  compreensão da teoria da estratégia total sul-africana e à forma como ela integra uma doutrina do uso da arma nuclear, com fins essencialmente políticos, mas tbm militares. Seja permitida uma observação, que está inerente a todo o trabalho do Tenente-General Miguel Júnior, mas que não é explicitada nesta obra.  possível afirmarmos aqui que, do mesmo modo que falamos de uma “estratégia total” sul-africana, podemos igualmente falar de uma “estratégia total” de Angola, Sem elaborar aqui o assunto,

que merece maior reflexão, foi uma estratégia de longo prazo, muito pragmática, muito flexível, sempre imaginativa e até mesmo surpreendente, que se revestiu de aspetos inovadores e implicou sempre um equilíbrio difícil na corda bamba, envolvendo no jogo os grandes poderes, com capacidades muito superiores às de Luanda. O Governo de Angola, pode gabar-se de ter sido o único que conseguiu gerir com sucesso um processo de várias décadas, com muitas reviravoltas e golpes de rins, com uma articulação difícil entre os níveis interno e externo e entre as estratégias sociais, económicas, diplomáticas, militares e outras. No final, foi ele e a sua visão do processo que acabou por se impor e, o que é mais extraordinário ainda, fez isto no meio de uma intensa guerra civil, que conduziu a uma nova base de unidade nacional. Estas longas décadas de guerra, terríveis e devastadoras para Angola, são também o processo da finalização do nascimento no ferro e no fogo de uma nação africana. A África do Sul do apartheid dizia ter uma “estratégia total”; tinha, mas falhou em contrapartida, o Governo de Angola acabou por ter sucesso na sua “estratégia total”, mesmo sem lhe dar oficialmente esse nome. É difícil encontrar em África outro exemplo de uma liderança tão duradoura, firme, flexível, pragmática e vitoriosa.

## **1.2- Beve historial da Globalização.**

### **1.2.1- Surgimento da Globalização.**

Para Campos (2017, p.16) este termo globalização, é relativamente recente e passou a ser mais usual no final do séc. XX (anos 90), porém, a origem deste processo a que chamamos globalização parece ser bastante mais remota. Assim sendo podemos dizer que já no século XIX alguns intelectuais falavam do termo globalização afim de explicar que o processo de modernização implicava consigo uma crescente interação do mundo. Fazendo um recuo a história podemos revelar que certos contextos, tendências e factos que contribuíram para aquilo que hoje chamamos de globalização, e procurar perceber o que é realmente novo e o que não o é. Alguns autores sublinham que as principais dinâmicas socioeconómicas deste fenómeno podem e devem inscrever-se em processos históricos, não constituindo, contudo, algo de completamente novo porém o progressivo desenvolvimento de tendências anteriores.

Porém, para certos autores tal como Bahuman (S/d, p.4) são de opinião que os exórdios da globalização remontam já a longevos séculos XV ( este século marca o início da expansão ultramarina que teve seu inicio no mundo Ocidental, designadamente pelos portugueses e espanhóis), assim sendo há mesmo quem diga que muito antes deste período já existiam contactos comerciais permanentes, entre povos e mesmo viagens intercontinentais (só para citar, já na Antiguidade os fenícios, grandes comerciantes e navegadores, percorriam as terras do mediterrâneo desde a sua costa asiática e penetravam no Atlântico, atingindo designadamente a costa ocidental portuguesa).

Para Freitas (2014. p, 210) já aproximadamente quatro décadas que tenta-se explicar as modificações econômicas, sócios-laborais e as mudanças mundiais permanentes po causa de um novo conceito que toda gente chama-o de globalização. Para observar e compreender qualquer fenômeno social é necessário a análise do momento passado vivenciado pela sociedade, pelo indivíduo, produto da miscigenação de complexas e indetermináveis relações humanas. Perceber a nova organização desse extrato social emergente, não é uma empreitada fácil, principalmente porque a adoção do termo globalização, de certa forma, se difundiu a tal ponto, que se popularizou, estando consagrado entre os atores sociais.

Ainda Freitas (2014. p, 210) diz que certos autores admitem que a discussão do tema em causa, se deu de forma primária nos E.U.A, a partir da metade da década de 80, como uma verdadeira inovação para a sociedade, um prenúncio de um brilhante século. Todavia os pessimistas, advogam que este processo, em sentido lato, se tenha dado início no período das descobertas dos navegadores do século XV e XVI, o que se vive hoje é nada mais do que uma nova roupagem, melhorada do antigo processo de acumulação e expansão do capital, neste caso indicando uma aceleração do processo de internacionalização e de mundialização, próprio ao capitalismo com o seu surgimento no final do século XV, que, por sua vez, não poderia existir ou se desenvolver sem o mercado mundial.

Na visão de Marx (1998,p.34) diz que já se afirmava que a necessidade de um mercado em constante crescimento, faz com que ainda mais a burguesia a avançar por todo o globo terrestre. Ela procurou fixar-se em toda parte, estabelecer-se em toda parte, criar vínculos e relações em toda parte. O autor diz ainda, que o capital

tenderá a romper e deluir toda e qualquer barreira espacial oposta ao comércio, e todo o globo será conquistado por este sistema, o capital, como um mercado. Por outra, o tempo de locomoção na terra tem-se reduzido ainda mais (tanto por transportes mais sofisticados e velozes quanto por informações - produzidas e comercializadas em escala mundial como mercadorias), quanto mais desenvolvido for o capital mais estes elementos aumentarão.

### **1.2.2- Expansão da Globalização**

Campos (2017, p.18) odiernamente, a economia global resulta ou advém da super hegemonia da economia-mundo ocidental, do seu super desenvolvimento e da sua progressiva e constante expansão. Fundamentalmente, a globalização pode entender-se como o produto do desenvolvimento do capitalismo à escala mundial e pode, pois, entender-se também como a continuidade da lógica civilizacional que designa-se por modernidade, e que já não é propriamente recente a sua origem remonta à revolução industrial inglesa no século XVIII cuadjovada pelas transformações sociopolíticas emergentes da Revolução Francesa (1789).

Assim sendo Campos (2017, p. 25) ao apresentar uma perspectiva histórica mais hodierna, diz que, a liberalização do comércio mundial tem sido promovida desde o pós 2ª Guerra Mundial. As negociações multilaterais para a retirada de obstáculos ao comércio internacional foram pela primeira vez institucionalizadas a nível mundial em 1947 com a assinatura do GATT, esta organização internacional inicialmente integrou 23 países e actualmente fruto das trocas constantes, integra mais de uma centena de países anível de todo o mundo.

Bahuman (S/d, p. 8) alinha no mesmo diapazão ao dizer que a liberalização do comércio internacional não segue uma linha recta. E o mesmo sustenta o seu pensamento, com a seguinte afirmação: nos anos 80, os distintos blocos económicos ASEA, EU e NAFTA concorriam entre estas três organizações, todavia procuravam retirar os empecílios que haviam entre os demais membros contudo continuavam a ser proteccionistas relativamente aos demais países no que tange à agricultura, serviços e barreiras alfandegárias, em função da não convergência entre eles viveu-se uma fase muito difícil. No entanto, o crescimento global do comércio mundial tem sido contínuo. Por conseguinte, pode-se afirmar que os

blocos regionais de comércio expandiram proporcionalmente à intensificação do comércio global.

Freitas (2014,p, 210) o século XXI é sem sombras de dúvidas nenhuma, uma realidade da expansão econômica, logo certas empresas produzem em todas as partes do mundo, inobstante as fronteiras geográficas. E num simples clique estas empresas têm o docie de todos os locais onde a mão-de-obra e as matérias primas existam não só em maior quantidade, como também sejam mais baratas, objectivando um mercado consumidor internacional, cuja parceria harmônica é a internacionalização do capital, investido em vários países, regiões e continentes, independentemente de situações econômicas intra país. Os dados históricos apontam que em 1840, o mundo testemunhou o fortificar do modo de produção designado de capitalismo industrial, nesta época por diversos factores o mercado era dominado e revolucionado pelos burgueses liberais. Esta mesma burguesia, explorava o mercado mundial e criou um sistema cosmopolita à produção e ao consumo de todos os países.

Por conseqüente Cândido (2010, p. 12) sustenta a ideia anterior ao dizer que 150 anos mais tarde, surge o capitalismo global e informacional num mundo aonde a tônica dominante é modelos políticos e econômicos singulares. Devido à revolução tecnológica da informática, a capacidade de se processar e de se fazer chegar informações entre pessoas e empresas, o mundo de hoje, se torna a maior base estrutural para a solidificação do processo de globalização, uma vez não existir dados precedentes a este momento, que demonstrem de forma clara aceleração do ritmo dos acontecimentos. A expansão do capitalista desde os tempos antaneos foi notória no suceder da própria história entretanto, o processo de excesso de fronteiras teve uma evolução paulatina, não coesa, não obstante bem diferente do que se tem no século actual século.

Concomitantemente não podemos descorar o pensamento Marxista que diz:

o capitalismo é um processo civilizatório, que influencia e modifica em maior ou menor grau as organizações do trabalho e a vida das comunidades, sociedades, indivíduos com as quais entra em contato. O próprio processo atravessa crises cíclicas que determinam sua transformação continuada, criando, recriando relações de produção, capazes de movimentar e configurar as sociedades para se manter e se eternizar (Marx, 1998,p.25).

Freitas (2014,p. 211) não é uma matéria simples, o reconhecimento do momento histórico inicial do processo de globalização e as teorias utilizadas para uma melhor análise, entendimento, engajamento de todo o processo e de todas as movimentações vivenciadas, nos tempos mais recentes, pelo mundo, pela humanidade de forma colectiva, e pelo indivíduo de forma singular. Para começar a entender o momento histórico atual, com todas as suas transformações e especificidades é de suma importância um olhar retrospectivo de alguns factos históricos não só do século passado, como também alguns momentos que antecederam o mesmo período. A história da humanidade está repleta de esforço incalculável de superação das fronteiras geograficamente existentes entre os povos, processo este, de certa forma se deu ao longo dos tempos lentamente, mas progressiva.

Cândido (2010, p. 14) aflora o pensamento anterior com exemplos, assim sendo ele diz que, o registro na histórico inicial da expansão do capita, a queda dos navegadores portugueses do monopólio comercial da Itália com o Oriente, a entrada ao Oriente e a “descoberta” do continente Americano, como resultado dos primeiros marcos da expansão do capitalismo, que geograficamente fluía por todo o globo, formando-se, morosamente, um sistema único de produção e consumo. É de extrema importância analisar o que aconteceu algumas décadas anterior, na imprudência dos regimes totalitários europeus que levou a uma aliança de forças que posteriormente fez surgir as duas grandes potências mundiais: os E.U.A e a URSS. Este acontecimento deu início a uma bipolarização do mundo sustentada por ideologias rivais e antagônicas, denominada por guerra fria.

Campos (2017, p. 24) o comércio foi, é e sempre será um dos principais e certamente o mais antigo fundamento de uma globalização económica, ela proporciona elementos de produção e consumidores que mesmo separados pela geografia há uma inter-relação de dependência, e por vezes, de identificação entre si. Sendo o Ocidente, uma região muito industrializada, o comércio mundial, a compra e venda de mercadorias e serviços entre diferentes países expandiu-se muna velocidade da luz. Assim sendo, tem se distinguindo duas fases principais no processo de crescimento do comércio mundial: Prmeira fase, ela diz que, o séc. XIX, nos seus meados os britânicos tiveram uma hegemonia militar e económica, o

que possibilitou o estabelecimento de mercados de natureza proteccionista nas suas colónias e o comércio de produtos industriais para o seu exterior;

- a segunda fase deste crescimento do mercado mundial de forma exponencial surgiu a cerca de trinta anos após à Segunda Guerra Mundial, quando os E.U.A com uma experiência muito antiga impoeêm o seu regime de comércio internacional mais liberalizado; no imediato pós-guerra, numa fase que em função a maior parte dos países europeus encontrava-se desgastada pela guerra, e os E.U.A, uma vez que não estavam envolvidos diretamente no conflito global, tiraram maior proveito possível do mesmo implementando um regime de comércio internacional liberal, isto consistia, em retirar todas as barreiras alfandegárias (idem 2017, p. 24).

Freitas (2014,p, 213) conclui o pensamento anterior, ao dizer que em 1947, foi assinado o GATT que viria ser o principal meio deste processo, em 1994, em função da situação que se vivia na arena internacional, surgiu uma outra organização internacional com objectivo virado para a progressiva implementação e regulamentação da liberalização do comércio internacional: a OMC. Nos dias de hoje, a esta organização, conta com cerca de 150 países, o comércio internacional tem um carácter moderno isto é há uma vastíssima rede de relações comerciais que envolve praticamente todas as diferentes economias das diferentes partes do mundo e os seus impactos vão muito além do sector comercial da economia, fazendo assim aquilo que os económicos chamam de mundialização.

Freitas (2014,p.201) nos seus escritos, aponta três importantes fases de evolução do processo de globalização, assim sendo, a primeira fase é denominada de economia capitalista; a segunda fase de economia política e a terceira fase de economia cultural: cada fase tem sua especificidade e particularidade, não esquecendo que cada fase obedeceu uma determinada época e realidade internacional na altura.

Cândido (2010,p.14) a medida que houve a velução mundial, a política juntou-se a Globalização, fazendo surgir a globalização Política. Que é numa visão mais genérica, ela faz mais sentido no século XX, uma vez que foi nesta época que as duas grandes guerras mundiais: a I Guerra Mundial e a II Guerra Mundial, facto que nunca antes houvera. Bem no final da I Guerra Mundial foi criada uma organização

política internacional, a L.N, que mesmo tendo everedado todos os esforços, não evitou o desenrolar de mais uma guerra mundial na época 21 anos depois. No fim da II Guerra Mundial, foi criada a ONU, que passou a ser mais abrangente mas global tendo nela altura representantes da América, Ásia e Europa. Objectivava por em prática uma política global assente num equilíbrio geoestratégico bipolar, que infelizmente mais tarde enfunção dos interesses das duas potencias vencedoras, veio a designar-se de Guerra-fria.

### **1.3- A África e a Globalização.**

Pimenta (2003, p. 4) faz uma abordagem crítica relativamente ao ritmo de crescimento do continente berço nestes quarenta ou cinquenta anos de independência, Freitas, na sua verticalidade, diz que há uma lentidão com uma frequente estagnação da economia do crescimento do continente negro. Em termos absolutos, é lento tendo uma variação nas suas taxas e muitas das vezes baixa anualmente. Do ponto de vista relativos, também é lento se fizermos uma radiografia comparativa com o que ou tros viveram em outras partes do globo. Desde 1988/90 até ao fim do século XX muitos países africanos, houve um agravamento da situação. Se percebermos que as políticas internacionais de desenvolvimento, que visam o crescimento e o desenvolvimento abrangem todos países numa determinada época, pois, após a II Grande Guerra, pode-se concluir que essa taís políticas internacional são insuficiente ou impróprias. Por outra, bem no final do seculo passado isto é, falatando apenas uma década para o culminar do passado século, esta época foi chamada de «período de ouro da globalização», assim sendo, conclui-se que a globalização tem sido nefasta para o desenvolvimento económico e social de África.

Campos (2017, p. 34) se a globalização em outras paragens progride, com coros afinados de políticos e tecnocratas que de forma aberta “cantam hosanas aos paraísos que tem construído”, e África piora em cada dia que passa, conhecemos de forma aberta as vastíssimas riquezas naturais desse continente, e também conhecemos sem lupas ou lentes a debilidade endémica dos seus povos; Há uma incompatibilidade estrutural entre a «globalização» e o propalado desenvolvimento da África sobretudo a subsariana.

Pimenta (2003, p. 6) uma economia subdesenvolvida não é só caracterizada pela sua pobreza ou o seu atraso, mas o seu dualismo, mensurável pela baixa densidade da matriz de relações intersectoriais, pela ausência de articulação entre diversos sectores. É também pela sua desarticulação, a convivência de modos de produção, sectores e actividades com tecidos produtivos e de distribuição de rendimento desligados uns dos outros. É notório e simples perceber que não há um impacto directo da actividade económica nos diversos sectores, não existe um processo cumulativo de produção e aplicação de valor. Não dúvidas que as raízes desse dualismo africano têm suas origens, na colonização, mas nos dias de hoje têm seu sustento no neocolonialismo, prolonga-se também com um tipo de cooperação que apenas é dirigida para os sectores que interessam ao país desenvolvido, ficando de forma dependente as economias em via de desenvolvimento. Tem havido alguns casos que aparentam ser humanamente bem intencionados (de doação, de ajuda, etc.) podem reforçar esse dualismo.

Giddens (2000, p. 90) a globalização tem um carácter próprio e a imposição é um deles, os países africanos com os seus programas de ajustamento estrutural, são exigidos a acelera cada vez mais para que possam estar no mesmo ritmo das economias desenvolvidas e das relações de produção capitalistas destas mesmas economias mas avançadas com relação a africana. A abertura ao mercado mundial, das economias africanas faz com que haja uma dissolução ou aniquilação do intercâmbio de produção entre os países impondo assim normas internacionais, com particular destaque às operações monetárias e financeiras, a globalização tem contribuído massivamente no reforço do dualismo de muitas economias subdesenvolvidas em particular a economia africana. A situação da economia africana é preclitante e ela está aonde está por seguir passadas e por também por ser imposto tudo. Assim sendo, radica-se numa falta de respeito pela diferença, numa falta de consideração pelas decisões dos povos e numa tentativa absurda de todos serem iguais à imagem e semelhança da economia americana.

Nesta mesma ideia Campos (2017, p. 31) sustenta que o que agravou a situação, segundo o BM e o FMI, das economias africanas é a palavra de ordem da globalização que é a “liberdade”. Liberdade de comércio, liberdade de mercado, liberdade de escolha. Mas essa liberdade para as economias desenvolvidas e para

as economias subdesenvolvidas têm sentidos e significados diferentes. Ora a quem tem um milhão de dólares por dia e quem tem menos de um dólar. A quem impõe e a quem é subjogado. Em suma a liberdade formal não se observa num espaço mundial socialmente homogêneo, e tem havido casos sobretudo nas divergências, contenciosos, dependências e explorações a liberdade de uns pode ser a não liberdade de outros.

Giddens (2000, p. 90) é notório que a globalização não está a evoluir do mesmo modo, e as suas consequências não são totalmente benignas. Para muitos povos que vivem fora da Europa e da América do Norte, percebe-se que se trata de uma imposição ocidental que tem causado muito desconforto ou, talvez, de uma americanização, visto que os Estados Unidos são actualmente a única superpotência, que detem posições dominantes, económicas, culturais e militares, na ordem global. E para dar mais ênfase a esta questão, temos exemplos visíveis da globalização americana: Coca-Cola, McDonald's, Iphon e outras.

Giddens (2000, p. 102) a maior parte das empresas multinacionais gigantescas também tem a sede nos Estados Unidos. Outras porém têm sede noutros países pertencente por sinal aos países ricos. Passa-se a ideia de que em grande parte há um monopólio do Norte industrializado, com relação aos países em via de desenvolvimento do Sul têm um papel discreto ou não tem papel nenhum. Na visão dos teóricos pessimistas observam que a globalização tende a destruir as culturas locais, a aumentar as desigualdades do mundo e piorar a sorte dos empobrecidos. Em alguns países menos desenvolvidos, os regulamentos de segurança e defesa do meio ambiente são virtualmente inexistentes. Algumas empresas transnacionais vendem aos africanos produtos sujeitos a restrições ou banidos nos países industrializados: fármacos de baixa qualidade, pesticidas destrutivos ou cigarros com altos teores de alcatrão e de nicotina. Os pessimistas acreditam que, em vez da aldeia global, estamos perante uma pilhagem global.

Campos (2017, p. 29) finalmente, é simples notar que os efeitos da liberalização do comércio internacional não são iguais para todos os países, em virtude de os países desenvolvidos estarem em melhores condições e tiram mais partido das potencialidades que ele oferece, ao passo que outros isto é, os não desenvolvidos se encontram numa posição de maior fragilidade e com menos instrumentos para

lidar e manobrar as consequências. Neste jogo desigual entre países e regiões, não será difícil perceber quem é quem. Segundo o (PNUD, 2005), as maiores barreiras alfandegárias existem em desfavor dos países mais pobres; em média, as exportações dos países mais pobres para os mais ricos sujeitam-se a tarifas alfandegárias três vezes mais elevadas. Os países mais ricos não só promovem e lideram o processo como o arbitram a seu favor desigualdades sociais com vista à propensão ao consumo.

#### **1.4- Beve historial da República de Moçambique antes da indepêndecia.**

Neste subtema, propuzemo-nos a abordar diversos sectores, tais como: naturais, sociais, políticos, economicos e localização geográfica. Factores estes que compõem aquela nação lusofana da África Oriental.

Segundo Camacho e Tavares (2014, p.684) Moçambique é um país localizado no sudeste africano, entre a África do sul e a Tanzânia; Fronteiras: África do Sul 491 km, Maláui 1569 km, Suazilândia 105 km, Tanzânia 756 km, Zâmbia 419 km e o Zimbabué 1231 km; Área: 799 380 km<sup>2</sup>; Português é a língua de unidade nacional em Moçambique; Moeda: Metical; Capital: Maputo (antiga cidade Lourenço de Marques); Natureza do Estado República. Do ponto de vista do relevo, a região a norte do rio Zambeze é um grande planalto, interrompido por uma pequena planície, onde se destaca o rio Limpopo. A orografia facilita o escoamento das águas para o Índico, a maior parte dos rios situa-se no norte e centro do país, embora os numerosos e fundos baixos dificultem a navegação, assim como as frequentes cheias e secas que tornam o seu regime muito irregular. O clima é húmido e tropical com duas estações bem acentuadas.

Todavia a obra Guia do Terceiro Mundo (1980, p.194), o colonialismo português, um dos mais antigos em África, instalou-se nas costas moçambicanas, em 1505. Aí fundou os seus portos e feitorias e começou o tráfico de escravos, que se prolongaria até meados do século XIX. A colonização do interior desenvolveu-se muito lentamente e somente em 1918, com a derrota do Rei Mokombe na região de Tete, os portugueses puderam dominar a totalidade do território. O colonialismo fascista português tentou disfarçar o seu domínio chamando ao País "Província Ultra

Marina” e fomentou o tribalismo afim de impedir o nascimento sentimento nacionalista.

Ainda o Guia do Terceiro Mundo (1980, p.195), Moçambique, estava dividido em vários movimentos, os grupos patriotas reclamavam a independência através de greves e manifestações. Em 1960 uma concentração espontânea e pacífica em Mueda, foi reprimida selvaticamente deixando um saldo de 500 mortos. Este facto conveceu os moçambicanos de que o diálogo pacífico com os colonialistas era inútil. No ano seguinte Eduardo Mondlane, então funcionário das Nações Unidas, visita o seu país e convence os diferentes grupos que lutavam pela independência da necessidade de se unirem, aspiração que se concretiza em 25 de Julho de 1962 na Tanzânia, com a criação da FRELIMO. Constituída por militantes e organizações de todas as regiões e etnias do país. Após dois anos de actividade organizativa e política clandestina, a FRELIMO, desencadeia, em 25 de Setembro de 1964, a luta armada para conquistar a independência total e completa. Em fins de 1965 já havia regiões de Moçambique onde a FRELIMO era a única autoridade e em 1969 um quinto do território moçambicano.

No fim do ano de 1969, Mondlane é assassinado por agentes ao serviço dos colonialistas. Manifesta-se então, na FRELIMO, a luta entre aqueles que cocebiam a independência como uma mera africanização, do poder e a linha revolucionária que procura instaurar uma nova sociedade democrática e popular. Esta última orientação sai vencedora e Samora Machel é eleito, pelo Comité Central, presidente da organização. A partir daí a luta é intensificada e alargada a novas áreas. A vitória quando da ofensiva militar portuguesa. Em 1973, modificou definitivamente a correlação das forças favor da FRELIMO. A derrota em África foi um dos factores determinantes que provoca o levantamento militar do 25 de Abril de 1974 em Lisboa que põe fim ao regime colonial-fascista de Salazar e Caetano. É criado em Moçambique um governo de transição e em 25 de Junho de 1975 é proclamada a República Popular de Moçambique.<sup>1</sup>

Assim sendo, a Página Editora (1999, p.92) diz que: a independência da República Popular de Moçambique foi proclamada a 25 de Junho de 1975. A Constituição,

---

<sup>1</sup> Informação extraída do Programa Matinal da R.N.A, (Sábado Magazine), 9:06, no dia 17/Abril de 2021.

entrada em vigor na mesma data e revista e acrescentada em 1978, define a nova república como um Estado operário-camponês e mantém o papel dirigente da Frelimo na sociedade moçambicana. Samora Machel, presidente da FRELIMO e igualmente presidente da República e detem o poder executivo. O poder Legislativo esta entregue a Assembleia Popular e existem órgãos de poder local eleitos a todos os níveis. A evolução política de Moçambique tem sido marcada pelo esforço em conduzir o país no sentido de um desenvolvimento socialista, através das dificuldades impostas pelas debilidades da economia, pelo delicado relacionamento com a África do Sul e com a ex-Rodésia e pela acção da Renamo (Resistência Nacional Moçambicana).

Já para Sellström (2008, p.82) em 1981 iniciou-se em Moçambique o serviço experimental de televisão, a pesar do controlo dos meios de comunicação pelo Estado e pelo partido único, o antigo presidente Samora Machel havia criado uma imprensa moçambicana e é geralmente apreciada pelo elevado grau de crítica e de debate público que desenvolve, refletindo a promoção constante da participação popular no exercício do poder, feita nomeadamente como já vimos acima pelo presidente Samora Machel. A África Oriental portuguesa De um ponto de vista geográfico, conhecida como a colónia portuguesa de Moçambique, tendo fronteira com os territórios detidos pela Grã-Bretanha, de Tanganica, Terras do Niassa e as duas Rodésias, e em grande medida incorporada na economia da África do Sul.

Ainda o mesmo autor diz que Moçambique teve, de facto, e durante um período bastante alargado, um papel relativamente mais importante, a capital, Lourenço Marques (agora Maputo) foi, a partir da segunda metade do século XIX, um porto de escala estratégico das rotas de comércio entre a Escandinávia, o Extremo Oriente e a Austrália. Os primeiros contactos por navio tornaram-se mais regulares no início do século XX, especialmente depois da criação de ligações via transatlântico entre a Suécia e a África Austral, do que resultou um aumento do comércio bilateral (*Idem* 2008, p.83).

«A luta continua afirmou» Samora Machel nesse dia, assinalando os novos objectivos para evitar cair no colonialismo, como aconteceu noutros países africanos e afirmando a solidariedade com os combatentes pela liberdade do Zimbabwe e África do Sul. Assim, Moçambique passe a fazer parte da “Linha da Frente”, na batalha contra o racismo e o

colonialismo, e encerrou as suas fronteiras à Rodésia, cumprindo as resoluções de boicote decretadas pela ONU, apesar de isso lhe acarretar consideráveis prejuízos económicos (Cau, 2011, p.34).

Cau (2011, p.38), no campo interno, o governo da FRELIMO a nacionalização do ensino, assistência médica, e diversas empresas transnacionais. Promove-se a criação de aldeias comunais com o fim de reunir os camponeses dispersos e organizar a produção colectiva. Como corolário lógico desta continuidade da luta popular, no seu terceiro congresso realizado em Maputo em 1977, FRELIMO, definiu-se pelo socialismo, adoptando o marxismo-leninismo como orientação ideológica. A medida imediata foi a de fundir por todo o país o espírito de solidariedade e de combate das áreas libertadas, onde se desenvolveu o germen de uma organização social mais justa.

### **1.5- Moçambique no Pós Independência (1975-1991).**

Em 1975, o país em estudo experimentou uma outra característica económica meramente de serviços, para uma economia mais diversificada, através de uma aproximação com o Leste europeu. Não obstante, factores essencialmente externos, contrários ao modelo de desenvolvimento socialista adotado por Moçambique, os países que-o circundavam eram de regimes hostis ao novo Estado, assim sendo, o país regrediu nos primeiros dez anos de independência. As tentativas dos Estados progressistas da região Austral de se desvincular da interdependência económica através da criação da SADCC não surtiram efeitos positivos, pois destes forum ficava excluída a economia mais desenvolvida da região que é a sul africana (Cau, 2011, p.11).

Assim sendo, outros pensadores tal como Rocha (2013, p.38) sustenta a ideia supra, dizendo que, inicialmente em finais de 1974, Pretória procurou eliminar a sua “zona de segurança” o que piorou as relações com os países que anteriormente eram colónias portuguesas, Moçambique, viu-se obrigado a adotar outras estratégias dado que a economia deste país estava bastante dependente da cooperação com a África do Sul. Na segunda metade da década 1980, bem no final desta década houve uma mudança no seu modelo de desenvolvimento, adotando o modelo capitalista e de economia de mercado, neste mesmo período, na arena internacional se vão operando mudanças, com o desmoronamento do muro de

Berlim, e o fim da guerra fria, e o fim do regime do apartheid o país optou por mudar o seu modelo de desenvolvimento, adotando o modelo capitalista e de economia de mercado,

Neste mesmo período destaca-se ainda, a assinatura do acordo de Nkomati e a consequente adesão de Moçambique às instituições financeiras internacionais constituiu uma virada na política externa e interna de Moçambique. Por consequente, foi a partir deste momento que o país passou a se beneficiar de investimentos estrangeiros, que empreenderam uma outra dinâmica e alavancaram a economia do país do Índico. Mais recursos eram disponibilizados a fim de alavancar o desenvolvimento e é neste mesmo período em que se encetavam negociações para o fim da guerra civil em Moçambique.<sup>2</sup>

Cau (2011, p.31) Moçambique, após a independência, houve de facto certos factores internos que em parte inviabilizou o modelo ora traçado a quando da luta de libertação, inicialmente defendia-se o modelo socialista. Depois de 1982, a produção global do país, que havia se recuperado da crise de pós-independência, começou a registar declínio devido a actos de agressão e destruição de infraestruturas económicas e a consequente instabilidade, redução de recrutamento de mineiros moçambicanos e diminuição da utilização dos portos e caminhos de ferro moçambicanos por parte da África do Sul. Moçambique ganhou outro interesse aos olhos internacional quando adotou a economia de mercado e, especialmente, e também após ao fim da guerra civil, para além destes aspectos, o fim da Guerra Fria significou também muito para a região da África Austral e em particular Moçambique.

Porém, Camacho e Tavares (2014, p.685) dizem-nos que a antiga colónia portuguesa aonde estes se estabeleceram desde o início do século XVI, o território recebeu também influências de comunidades Árabes que, sobretudo a partir do século XVIII, procuraram naquela região desenvolver actividades comerciais. O interesse pelo território aumentou no século XX, surgindo então grandes companhias que procuraram tirar partido locais utilizando para isso mão-de-obra indígena e barata.

---

<sup>2</sup> Entrevista realizada as 9:03, aos 21/05/2021.

Com a independência, conquistada em 1975, Após os acordos de Lusaka sucedeu, tal como em Angola, um período de guerra cívil, que terminou na década de 90. Hoje o país procura recuperar economicamente, aproveitando para isso as suas riquezas naturais (cobre, carvão, gás natural). Agricultura continua a ser a principal actividade económica, mas as catástrofes naturais (recentemente ainda tivemos mais um, o chamado Cíclone Idai), os efeitos da guerra (actualmente em Cabo Delgado) e as doenças como o HIV/SIDA, são ainda grandes obstáculos ao pleno desenvolvimento<sup>3</sup>.

---

<sup>3</sup> Informação extraída do Programa Matinal da R.N.A, (Sábado Magazine), 8:56, no dia 17/Abril de 2021.

**Capitulo II – A PROBLEMÁTICA DOS GOVERNOS NOS PAÍSES  
AFRICANOS NA ERA DA GLOBAZIÇÃO: UM OLHAR A REPUBLICA  
DE MOÇAMBIQUE (1990-2015).**

## Capítulo II – A PROBLEMÁTICA DOS GOVERNOS NOS PAÍSES AFRICANOS NA ERA DA GLOBALIZAÇÃO: UM OLHAR A REPÚBLICA DE MOÇAMBIQUE (1990-2015).

### 2.1- A queda do Muro de Berlin e o seu Impacto na Política Interna de Moçambique.

A globalização é um processo político, cultural, tecnológico e, acima de tudo, econômico que vem se desenvolvendo desde muito tempo, sendo acompanhado pela evolução e difusão do modo de produção capitalista e, assim como pelo encurtamento das distâncias e aceleração dos processos mais especificamente a partir do fim da Guerra Fria, a quando da queda do muro de Berlin e da ocidentalização, , (Bahuman S/d, p.9).

Assim sendo, com a queda do muro de Berlin, o mundo conheceu uma nova realidade e fruto da globalização Moçambique teve várias aberturas a destacar: política, social, económica. Mas o maior destaque é mesmo o sistema político que alterou do *Monopartidarismo* para o *Multipartidarismo*, e segundo (Ngoenha 2004,pp.123-124) a base da primeira República de Moçambique em 1975 era a liberdade/ independência. Já o centro decisivo da constituição de 1990, 1992 e 1994 é liberdade/ democracia. Em 1975, a liberdade era entendida como contraposição ao colonialismo. Já em 1992, a liberdade como anti-colonialismo se junta a democracia. Teoricamente , trata-se de um avanço considerável. Com o surgimento da segunda república ouve o fim da guerra em Moçambique, porque houve um entendimento entre os contendores.

Ainda Ngoenha (2004,p.33) diz que a Constituição moçambicana de 1975 prescreve em vinte e cinco artigos os princípios gerais. No I artigo definia o Estado como Soberano, independente e democrático sob a direcção da FRELIMO. O artigo II define a ideologia moçambicana como democracia Popular. O artigo III indica a FRELIMO como entidade que supervisiona a acção dos órgãos estatais a fim de assegurar a confirmidade da política do Estado com os interesses do povo, assim o partido e o Estado identificam-se.

Todavia na óptica de António (2015,p. 47) nos sistemas monopartidários a ideologia do partido determina a identidade do Estado, consequentemente a oposição ao partido significa traição ao Estado. O partido abrangia todas as esferas sociais, e ao experimentar o processo de democratização coloca em risco o seu monopólio

governamental, porquanto torna-se apenas mais um concorrente no jogo multipartidário. Com isso, o partido continua sendo uma peça relevante na política e a separação do poder é menos completa.

O cenário monopartidário, de crise económica que se instalou e abertura ao multipartidarismo, fez com que houvesse maior oposição da Renamo, que, estava atrelada ao governo rodesiano e sul africano, o que criou ainda mais dificuldades internas de clivagens e conflitos sociais entre a RENAMO e a FRELIMO, acrescentando ao conflito uma dimensão de guerra civil, particularmente nas zonas centro e norte do país”. Esta guerra interna entre os dois contendores arrastou o país por Dezaceis (16) anos de desestabilização social (1977-1992) até assinatura dos acordos de Roma em 1992<sup>4</sup>.

Segundo Monié (2019,p.13) num contexto regional marcado pelo fim do apartheid e das guerras em Angola e na Namíbia em 1992, os acordos de paz entre a Frelimo e a Renamo marcam o ingresso do país numa era de maior estabilidade geopolítica, depois de décadas de conflitos sangrentos. Este cenário político permite alavancar o projeto de reconstrução e de consolidação de uma economia de mercado moderna. A conversão ao neoliberalismo viabiliza a obtenção de linhas de financiamento por parte das agências internacionais enquanto a ajuda internacional financia cerca de 40% das despesas estatais. O crescimento do PIB apresenta grande volatilidade no período, marcado por grandes catastrofes naturais (1995 e 2000) que, além de seu custo humano, prejudicaram a reconstrução da economia.

Ainda para Monié (2020, p.16) a maior parte dos investimentos recaia nas situações de guerra, o que retardava ainda mais o desenvolvimento do país, fazendo assim que o país fosse mais dependente ainda da ajuda internacional. Devido este contexto o governo abandonou os princípios que orientavam as políticas económicas desde a Independência e adotou, sem abdicar da retórica socialista, uma série de reformas institucionais estruturais de cunho neoliberal. O país aderiu a Convenção de Lomé (1984) e ao FMI (1984) e se dotou de uma nova constituição instituindo o multipartidarismo (1990). O cenário sociopolítico entrega o país a novas reformas institucionais e políticas, seguindo a pressão estrangeira para o

---

<sup>4</sup> Entrevista realizada aos 08/08/2021, 9h:03.

progresso de uma boa governação. Concomitantemente, a Frelimo optou por um recuo gradual da sua abordagem marxista-leninista. O novo quadro institucional e regulatório, adequado às exigências do BM e do FMI, viabiliza a adoção de um Plano de Ajuste Estrutural (1987).

Rouque (2012,p.53) Moçambique tal como muitos outros africanos é um país, que tem como retrato e marca principal a pobreza, na década de 1990, passou, por um nítido processo de reconstrução e modernização de sua base produtiva. A sociedade experimentou, também, importantes mudanças, em particular sob o efeito da aceleração do ritmo da urbanização. Houve uma ligeira diminuição da pobreza, em parte conseqüente do aumento da renda agrícola após o fim da guerra civil, progressos registrados na taxa de escolarização primária, na cobertura vacinal ou no acesso à partos assistidos por profissionais em áreas periféricas rurais e urbanas, representam ganhos sociais e sanitários evidentes. No entanto, esse progresso foi mais intenso no período que poderíamos definir como fase de reconstrução do país (1992 meados dos anos 2000).

Para (Tolleneare 2006 *apud* Vilanculos 2013,p.45) na época de luta de independência a Frelimo o único movimento reconhecido anível nacional e internacional que representava o povo moçambicano na luta pela independência nacional. O papel que ela desempenhava mais tarde conferiu-lhe a credibilidade necessária para o acesso ao poder no país independente. Entretanto posteriormente, implementou-se em Moçambique um conjunto de reformas políticas, sociais e económicas, que conduziram a uma situação de descontentamento interno e de resistências em Moçambique. Exemplos dessas políticas, são a criação de campos de reeducação, a imposição do patriarcado nas regras familiares, a concentração de produção em fazendas do Estado e a ilegitimização oficial das autoridades tradicionais e religiosas, foi nesta época que surgiu outra força política naquelas terras com destaque da Renamo.

Em suma podemos dizer que após a queda do Muro de Berlim Moçambique “abriu-se” ainda mais para a globalização, houve certas aberturas que com o monopartidarismo não era possível, o país conseguiu estabilizar-se sobretudo politicamente, porque a guerra civil que durou 16 anos, os contendores conseguiram ultrapassar e, com isto o país progrediu até ao século XXI.

## **2.2- Os conflitos permantes entre a Renamo e Frelimo.**

A RENAMO e a FRELIMO desentenderam-se logo após a independência naquele país do Índico. E a reconciliação só foi possível com a assinatura do AGP em outubro de 1992, acordo este que viria por fim aos 16 anos de conflito inetnso. Quando tudo parecia estar a correr bem para Moçambique, realizaram-se as quartas eleições em 2009 o Governo da FRELIMO e os rebeldes da RENAMO voltaram novamente a uma violenta guerra cívil, que fruto de alguns acordos tem havido meses ou mesmo anos sem guerra<sup>5</sup>.

Segundo Muchanga em Moçambique apenas há dois contendores, esetes fazem com o que o sistema partidário seja caracterizado fundamentalmente pelo bipartidarismo do sistema político. Há uma dominação total destes dois partidos políticos que representam os dois adversarios na guerra cívil moçambicana: existe as forças de segurança fiéis ao governo da Frelimo e por sua vez existe também aqueles que dão tudo de sí a Renamo. O Executivo tem prometido desarmar as forças, e o principal partido a ser dermado é a Renamo oponente principal da Frelimo. Consequentemente, Moçambique está em guerra e estará sempre caso os dois principais Partidos não tomarem rumos diferentes e precisa-se de mediação de países com certa experiência tais como: Africa do Sul, Angola, Botsuwana e Zâmbia, estes países nesta geografia têm uma certa experiência em materias de conflitos<sup>6</sup>.

Toda via Canhangue (2017,p.38) realça que a Renamo, procura governar em varias regiões do centro, local aonde tem obtido vitorias eleitorais de forma tradicional. E garante que tem havido escrutínio fraudulento. O que está a contecer são desentedimentos políticos. Assim a primeira questão é que o governo tem protelado a integração de elemtos da Renamo nas FDS. O grande proplema é que não está a cumprir com o que está plasmado. E em função disso há elementos da Renamo que têm armas de fogo e que esperam receber o estatuto de polícia desde 1992<sup>7</sup>, até hoje o governo nunca se mostrou disponível para integrar elementos. Em 2013

---

<sup>5</sup> Entrevista realizada aos 12 de 10 de 2021.

<sup>6</sup> António Muchanga *in*, [www.google.com](http://www.google.com).acessado aos 03/08/2021.

<sup>7</sup> Ver anexo número 1.

e 2014, houve problemas, foram assinados acordos que preconizam que elementos da Renamo devem integrar a FDS, mas até a data presente sem sucessos.

Acredita-se que a liderança de Moçambique deve adoptar paradigmas que tornem possível a pacificação do país, a nível social em vez de fomentarem desigualdade nas estruturas sociais os governantes devem adoptar pela igualdade de todos os membros no sentido de levar os moçambicanos a resolverem os seus problemas, (Ngoenha 30,p.2004).

A fim de se procurar dar soluções ao problema que se vive alguns o Governo da FRELIMO e a RENAMO, maior partido da oposição. Foi a aprovação pelo parlamento da Lei da amnistia. O debate sobre a nova legislação de lei durou um dia. A RENAMO por intermédio da bancada parlamentar apresentou objeções à proposta de lei inicial. Era uma proposta de lei que impedia a punição penal de autores de crimes contra a segurança do Estado e crimes militares ou conexos cometidos contra pessoas e a propriedade, no âmbito das hostilidades militares ou conexas ocorridas entre junho de 2012 e a entrada em vigor da legislação. A FRELIMO acabou por ceder à exigência. A abrangência da legislação foi alargada de junho de 2012 para março de 2012<sup>8</sup>.

Assim sendo, a reunião colocou frente a frente os dois líderes por um lado Armando Emílio Guebuza, ex chefe de Estado da República de Moçambique, e por Afonso Dhlakama, antigo líder do maior partido na RENAMO, para a surpresa de todos, os negociadores das duas partes declaram o cessar das hostilidades militares, em todo o território nacional com efeitos imediatos. O chefe dos observadores disse, no final da reunião, que também foram assinados o memorando de entendimento, os mecanismos de garantia e os termos de referência da equipa militar de observação do cessar de hostilidades O acordo foi assinado pelo chefe da delegação governamental e ministro da Agricultura, José Pacheco, e pelo líder dos negociadores da RENAMO, Saimone Macuiane, que após tudo isso abraçaram-se fortemente diante da mídia, numa cerimónia transmitida em direto pelas principais televisões do país<sup>9</sup>.

Depois de muitas interrogações, acerca da não aparição de Afonso Dhlakama, em Chimoio, apareceu e assegurou que a sua ausência, por um ano e meio em parte

---

<sup>8</sup> [WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei de ministria.](http://WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei%20de%20ministria)

<sup>9</sup> [WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei](http://WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei)

incerta, serviu para tornar o país mais pacífico, inclusivo, democrático e sobretudo rejuvenescer o multipartidarismo. Dhlakama havia garantido mais uma vez que cumpriria o acordo de cessar-fogo e ir às eleições para lutar contra a má gestão do país nas Urnas, uma vez que em democracia às eleições é um elemento basilar. Este acordo foi assinado na presença de dezenas de diplomatas e responsáveis governamentais na sede da Presidência moçambicana, em Maputo., Dhlakama e Guebuza, abandonaram a sala de mãos dadas<sup>10</sup>.

Nos dizer do psicoterapeuta moçambicano e membro da Associação Reconstruindo Esperança, os efeitos do conflito Renamo- Frelimo na sociedade de Moçambique podem ser desastrosos. Porque há muita gente ainda traumatizada com os conflitos no passado. Essas pessoas voltaram a ficar assustadas, feridas foram reabertas com os conflitos actuais. Os traumas ainda não estão superados. Mais do que isso, o conflito atual mina a capacidade das pessoas de terem confiança num futuro melhor. Isto quer dizer que a nossa reconciliação ainda está sobre pernas muito trémula e precisa-se ser serio com os acordos assinados.<sup>11</sup>

### **2.3- As Razões dos Contencioso em Moçambique Face a Globalização.**

Para Monié (2020, p.13 ) a década de 2000 apresenta-se como um momento de abertura externa e de decolagem da economia moçambicana. Surgem neste periodo imensos projectos que poderiam alavancar e trazer uma dinâmica não dependente de capital externo, cujos investimentos são estimulados pelas autoridades. Como qualquer outro Estado Moçambique acompanhou as tendência e dinâmicas mundial, foi promovido pelo governo políticas e projetos visando a intensificar a inserção do país nas redes da globalização. Foi assim, que Moçambique passou a entrar, então, na era da substituição das exportações que privilegia actividades produzindo em larga escala e consideradas competitivas para competir nos mercados externos. As PPPs passaram a constituir o elemento institucional privilegiado para atrair o capital estrangeiro ao país. Observou-se um fluxo sem precedentes de investimentos que passaram de 65 milhões de dólares

---

<sup>10</sup> O acordo foi aos 5 de setembro de 2014: Ratificação do acordo entre o Governo e a RENAMO,

Ver enexo 3.

<sup>11</sup> Boia Efraime [WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei](http://WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei)

em 1997 para uma média de 400 a 500 milhões na década de 2000, com destaque principalmente direcionados para setores e atividades considerados prioritários pelas autoridades.

Por conseguinte Campos (2017,p.26) o capital externo foi investido, inicialmente em sectores, cujo o projecto de modernização e reestruturação articula investimentos em infraestruturas de transporte (ferrovias, rodovias e portos) e a inauguração de uma fábrica de alumínio na periferia de Maputo em 2000. Assim sendo, com esta abertura, o governo conseguiu atrair investidores estrangeiros graças à incentivos fiscais generosos, à oferta de energia elétrica a baixo custo e a garantia de um mercado externo em expansão a médio prazo. A fábrica da MOZAL é hoje responsável pela metade da produção industrial, 30% do valor agregado manufatureiro, 75% das exportações de bens manufaturados e 42% das receitas das exportações. Apesar do seu baixo impacto sobre o desenvolvimento humano e a geração de empregos, o projeto da MOZAL é frequentemente apresentado como um sucesso pela sua contribuição ao crescimento do PIB e por constituir uma vitrine para firmas estrangeiras.

Monié (2020, p.14 ) foi descoberta em meados da década de 2000, novas reservas de carvão mineral na Província de Tete, os investidores estrangeiros, sentiram-se ainda mais atraídos por Moçambique e países como Inglaterra,Austrália e, Brasil foram os principais investidores e obtiveram concessões de 25 anos para explorar as minas do distrito de Moatize. As multinacionais foram atraídas por um regime fiscal vantajoso num período de forte expansão da demanda mundial. A instalação das minas e as operações de extração de carvão contribuíram de forma decisiva para o crescimento do PIB e do comércio exterior na 2ª metade dos anos 2000, ilustrando a dependência crescente da economia moçambicana em relação as exportações de recursos naturais.

Todavia para Rouque (2012,p.53) pés embora haja fortes investimentos tal como vimos nos parágrafos anteriores, as lideranças africanas no geral e em particular a moçambicana é marcada em muitos casos pela corrupção, e uso irracional de recursos públicos, e má gestão dos projectos ou assimilação da coisa pública. Também são marcas indeléveis das lideranças africanas a desigualdade social,

problemas religiosos, conflitos armados entre outros. Contudo Marculino<sup>12</sup>, diz que o caso das dívidas não declaradas que o governo moçambicano contraíu no ocidente em nome do país quando na realidade cerviu apenas para certas individualidades ligadas ao governo da FRELIMO, que simplesmente priorizaram os seus interesses em vez dos interesses da colectividade, é uma das miutas situações da liderança em Moçambique para além dos que já se arrastam a longevas décadas.

Pimenta (2003,p.4) ao tratar da globalização em África no geral e em particular em Moçambique exige muita calma e atenção, porque devido as situações daqueles que vivem na sombra do que é esquecido, é preciso conseguir ler o drama dos vencidos numa história que a narração é feita pelos vencedores. Há uma incompatibilidade estrutural entre a globalização que se apregoa no mundo a fora e o desenvolvimento de Moçambique, quiçá de todas as economias subdesenvolvidas africanas. E é por isso que Moçambique continua na cauda do crescimento e do desenvolvimento económico africano.

Contudo Monié (2020, p.15 ) diz que a década de 2010 foi marcada por mudanças importantes no cenário económico mundial. Houve um ritmo lento do crescimento da economia chinesa e em diversos países emergentes (Índia, Brasil, México, Turquia etc.), provocou uma forte retração da demanda por recursos naturais. O fim do super ciclo das que alimentou a expansão económica na África subsaariana a partir de 2000, provocou uma queda do preço das principais matérias primas nos mercados mundiais. A diminuição da demanda e a queda do preço das principais matérias primas impactaram negativamente a conjuntura económica moçambicana, altamente dependente dos fluxos de capital externo, que diminuíram significativamente a partir de 2013.

Campos (2017,p.20) devido estes factors foi notorio, que o crescimento do PIB moçambicano desacelerou de forma brusca, mostrando assim a realidade da situação que se vivia em Moçambique, situação esta que era totalmente dependente dos fluxos de capital externo e das exportações. O escândalo das dívidas ocultas, quando o governo revelou que, para a compra de material bélico

---

<sup>12</sup> Entrevista realizada 13/09/2021.

francês tinha pedido um empréstimo somando 2 Bilhões de US dólares entre os quais 500 milhões não foram divulgados pelo Parlamento e nem nível internacional, aquando da sua divulgação abalou a credibilidade das autoridades em relação à seus credores que suspenderam imediatamente a sua ajuda ao país. Foi assim, que o país viu-se de rasto, Moçambique viveu os momentos mais necrotericos da sua vida enquanto nação independente, e sua pior crise financeira em décadas, num contexto marcado por importantes projetos logísticos, energéticos, imobiliários em andamento.

Concomitantemente Monié (2020, p.18) diz que um dos primeiros Estados africanos pioneiros na adoção dos princípios do neoliberalismo e de Planos de Ajuste Estrutural foi Moçambique, também foi ele que privilegiou os megaprojetos como vetores de desenvolvimento e, posteriormente, como instrumentos privilegiados da nova inserção da economia na globalização. Os governantes apostavam que os sacrifícios fiscais e orçamentários realizados para atrair corporações multinacionais seriam benéficos quando o país ganharia a confiança dos investidores estrangeiros para desenvolver novos projetos num ambiente de negócios considerado adequado. Os projetos alavancariam o crescimento econômico do país, além de contribuir para a reestruturação produtiva, conferindo maior peso à agricultura capitalista, à mineração (areias pesadas de Kenmare, carvão mineral de Tete), ao transporte e à energia (gás natural de Inhanbane e Cabo Delgado).

De forma conclusiva podemos dizer que apesar da globalização ser uma capa que esconde os interesses do capitalismo, Moçambique tem procurado integrar-se mesmo a passos camaleônicos na globalização.

#### **2.4- Os Prós E Os Contras Da Liderança Moçambicana Face A Globalização.**

Nos dizeres de Rouque (2012,p.13) Moçambique lutou por aquilo que Joaquim Alberto Chissano chamou por “desenvolvimento com rosto humano”. Hoje e por hoje temos um número maior de jovens no sistema de ensino desde o básico até ao ensino superior mais crianças com acesso à escola, mais mulheres com acesso a cuidados materno-infantis e mais informadas com relação às vantagens das consultas pré-natais, mais distribuição de água potável, há um espelhar claro dos indicadores que apontam para a evolução daquele país. A experiência de

Moçambique não deve ser vista de forma isolada. Ela reflecte uma tendência, ainda que tímida, de todo o nosso continente. A estrutura organizacional da U.A, inclui um Conselho de Paz e Segurança com responsabilidade primária de prevenir, gerir e resolver conflitos, o que mostra a determinação da organização em acabar com as guerras no Continente.

Para Cahangue (2017,p.26) assim sendo, em Moçambique muitas das vezes os espaços públicos e os privados são confusos, profusos ou mesmo sobrepostos. O interesse geral subalterna-se ao interesse privado, os serviços públicos continuam a ser a base para legitimar os Estado moçambicano. Hoje realmente em muitas sociedades, o dinheiro e a sede de poder constituem as motivações principais dos empreendedores políticos em Africa.

Contudo, para Campos (2017,p.26) os espaços rurais, naquele país concentram a grande maioria da população e produção agrícola, porem, as condições dos moçambicanos não melhoram em termos de segurança alimentar, saúde e educação, enquanto o Estado aloca grande parte do investimento no pagamento da dívida externa e exportação de tudo um pouco, desde a sexta básica à aos produtos da economia verde. Por outra, procura tambem defender-se do regime frente a ameaça da guerrilha da RENAMO. Os indicadores sociais posicionam então Moçambique entre os países mais pobres do mundo.

Ngoenha (2004,p.35) uma vez que Moçambique é um país autarquico desde 1992, deve de forma obrigatória descentralizar o poder, alterando a lei e criando condições para que cada partido governe aonde vencer as eleições. A Renamo, em 2014, ganhou as eleições em Sofala, Nampula, Zambézia, Tete, Niassa e Manica. Moreira<sup>13</sup> deve haver seriedade neste processo todo porque, quanto mais a situação de guerra prevalecer no nosso país mas pessoas terão de refugiar para os países vizinhos. Esté é o nosso país todos precisamos trabalhar para o bem do nosso país. Porque ninguém é mais moçambicano do que o outro.

Segundo Cahangue(2017,p.42) a responsabilidade que os líderes moçambicanos enfrentam, deve incidir na implementação de políticas com o fim de proporcionar aos cidadãos uma vida boa e feliz e uma democracia constitucional que pelo seu

---

<sup>13</sup> Carlos Mpole Moreira *in* [www.google.com](http://www.google.com).acessado aos 10/08/2021.

modelo, contrastam com as culturas pré-existentes, que muitas vezes os processos eleitorais que legitam a governação que em parte são manipulados por vários factores. É necessário que a liderança moçambicana deia a cada moçambicano uma quantidade moderada de bens materiais, e saúde e estudo que visam responder as exigências hodiernas. Porque para se ter uma sociedade justa é necessário que os eus líderes proporcionam o lugar exacto a cada um, de acordo com seus talentos, e não podemos nos esquecer que Moçambique é uma terra que repele a diferença e atrai a paixão.

Todavia, os líderes lá em Moçambique devem fazer tudo de maneira que os moçambicanos tenham o sentido de dignidade e que os mesmos sejam participes em processos de reconstrução do país e venham a transformar a sociedade futuristicamente. Seria formidável que do ponto de vista político, os líderes moçambicanos ao invés de ideal distributivo que estava intrinsecamente ligado a um projecto de emancipação do homem moçambicano, a favor da dolar-cratização das relações humanas e sociais, implementassem mecanismo sérios que importa os moçambicanos e levasse os líderes a dizer algo para o povo, ou seja não esquecer o binómio fiscalização-prestação de conta, e que também defina estratégias com fim de levar cada um a encontrar o seu lugar na sociedade.<sup>14</sup>

Assim sendo diz que do ponto de vista económico , seria bom que os líderes moçambicanos procurassem descentralizar o poder económico e promovessem todas as áreas com o fim de alavancar a economia nacional. Do ponto de vista social, os líderes moçambicanos devem dar liberdade e potenciar os cientistas sociais a fazer a sua própria história, não nas condições determinadas pelos políticos, mas sim nas condições determinadas por eles. E promover igualdade de todos os membros numa combinação de liberdade dos seus membros.<sup>15</sup>

Ainda do ponto de vista cultural, será necessário que os líderes moçambicanos implementassem políticas educacionais, uma vez que a educação é um elemento chave para a transformação do homem, e alteração da sociedade e dos seus governantes. Uma educação competitiva e ancorada na cultura clássica com o fim de criar espíritos livres e superiores de maneira a responder aos problemas do

---

<sup>14</sup> Entrevista realizada aos 27/08/2021, 14h:05.

<sup>15</sup> Entrevistata relizada aos 21/08/2021,as 09h:40.

presente . A cultura moçambicana tem que ser um exemplo de engenharia ético-moral deve estar sólida na busca de um sistema político responsável. Deve mudar de paradigma das suas instituições para que consiga responder ao problema dos conflitos que assola os moçambicanos e mudar de atitudes com fim de alcançar o seu desiderato.<sup>16</sup>

---

<sup>16</sup> Entrevistata relizada aos 21/08/2021,as 10h:23.

## **Conclusão e Sugestões**

## **Conclusão**

Aguisa de conclusão podemos dizer que a globalização é um sistema que tem vindo impondo a muitos países africanos programas de ajustamento estrutural, exigindo a aceleração das relações de produção capitalistas típicas das economias desenvolvidas e a sua abertura ao mercado mundial, diluindo ou esmagando as relações de produção dos países em via de desenvolvimento impondo-lhes “normas internacionais”, dando uma particular atenção às operações monetárias e financeiras, a «globalização» através de todos estes meios e outros tem contribuindo fortemente para aquase dependência total dos países africanos e em particular de Moçambique.

Concluimos também que em tempos de globalização acelerada, nenhum país, por mais rico, é hoje imune às consequências negativas da pobreza e do subdesenvolvimento dos outros menos globalizados. Logo não se pode esquecer dos países mais pobres porque, ignorar o atraso dos países mais distantes é muito arriscado sobretudo nesta era da globalização. Os países pobres pes embora sejam sempre dependentes e influenciados pelos países ricos os países mais industrializados devem preocupar-se com esta realidade e Moçambique, é um país a ter em conta na arena internacional do ponto de vista da globalização.

## **Sugetões**

Que se divulgue mais debates, palestras e colóquios a fim de se conhecer mais a situação triste que Moçambique vive a longevias décadas;

Que a comunidade africana procure rever-se no sentido de se encontrar uma identidade própria, para que seja vista com outros “olhos”, porque quem não tem identidade própria na era da globalização corre risco de seguir todos e tudo.

Que se inclua nos assuntos no programa do 3º na cadeira de História de África no Instituto Superior de Ciências da Educação na Unidade.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OUTRAS FONTES**

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ✓ **ALTUNAGA**, Julian Zerquera (2012) *Angola Atlas Geográfico Ensino Secundário*. 2 ed. Instituto de Investigação e Desenvolvimento da Educação.
- ✓ **ANTÓNIO**, Nelson Domingos (2015) *Transição Pela Transação: Uma Análise da Democratização em Angola*. 1ª Ed, Polo Books.
- ✓ **BAUMAN**, Zygmunt (SD) *Globalização as Consequências Humanas*, (trad: Jorge Zahar Editor). ZAHAR.
- ✓ **BEHLING**, Gabriela Caroline (2015) A GLOBALIZAÇÃO E SUAS CONSEQUÊNCIAS PARA A SEGURANÇA HUMANA: UMA ANÁLISE DA NIGÉRIA. TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO Santa Maria, RS, Brasil
- ✓ **CALLINICOS**, Alex (2002) *Contra a Terceira Via, Uma Crítica Anticapitalista*, (Trad Miguel Serras Pereira) Celta Editora.
- ✓ **CAHANGUE**, Nelson Graça (2017) *A Problemática da Liderança na Realidade Africana: O Caso de Moçambique*. Tese de Licenciatura; HISCED-HUÍLA
- ✓ **CAMACHO**, Alfredo e TAVARES, António (2014) *Dicionário Da Língua Portuguesa Com Apêndice Histórico-Geográfico*. Platano Editora
- ✓ **CAMPOS**, Luís e Sara Canavezes (2007) *Introdução À Globalização*. Instituto Bento Jesus Caraça Departamento de Formação da CGTP-IN.
- ✓ **CAU**, Hilario Simões (2011) *A Construção do Estado em Moçambique e as Relações com o Brasil*. Tese de doutoramento. Universidade Federal do Rio Grande do Sul.
- ✓ **CÂNDIDO**, Maria Clara de Almeida (2010) *Desenvolvimento Sustentável E Pobreza No Contexto De Globalização. O Caso De Moçambique*. Dissertação de Mestrado Universidade Nova de Lisboa.
- ✓ **Couto, Mia ()**

- ✓ Dicionário (2013) *Online de Português, definições e significados de mais de 400 mil palavras* (Todas as Palavras de A a Z).
- ✓ Dicionário da Língua portuguesa, com apêndice histórico-geográfico(2007,p.123).
- ✓ Dicionário de Língua Portuguesa (2010) *Prestígio* Lisboa: Copyright Farlex.
- ✓ **FREITAS**, Cláudia Glênia (2014) Uma Abordagem Teórica Sobre A Globalização E O Estado Nação. Revista Mosaico, v. 7, jul./dez. 2014.
- ✓ **Grande** enciclopédia portuguesa e brasileira(1999) *Volume VIII* Página Editora: Liabo.
- ✓ **GIL**, Álvaro Carlos (2008) *Método e Técnicas de Pesquisa Social* . 6. Ed. São Paulo: Atlas, 2008.
- ✓ **Guia do terceiro mundo** (1980) Suplementos anual dos manuais do terceiro mundo; Asia, Africa America Latina num só volume. História, Geografia, Economia e Política. Editado por Tricontinental Editora, LDA. Rua Pinheiro Chagas, 41-2º Dto Lisboa.
- ✓ **GUIDDENS**, António (1997) Para além da esquerda e da direita, trad. Port. Teresa Curvelo e reverendo António Dornelas, Oeiras, Celta, 1997.(N.do.T).
- ✓ **GIDDENS**, António.(2000) O Mundo na Era da Globalização, Trad Carlos Fonsecas Lisboa, Editorial Presença, 2001.
  
- ✓ **JÚNIOR**, Miguel (2017) *A Guerra na África Austral Análise da Estratégia Total Nacional da África do Sul – 1948/1994*. Mercado de Letras Editores; Lisboa.
- ✓ **LAKATOS**, Eva Maria e **MARCONI**, Maria. (2007). *Fundamentos de Metodologia Científica*. 6 ed. 5. reimp. São Paulo. Atlas, 2007.
- ✓ **MONIÉ**, Frédéric (2019) *A inserção de Moçambique na globalização: riscos, desafios e dinâmicas territoriais*. Mozambique's insertion in globalization: risks, challenges and territorial dynamics. Universidade Federal do Rio de

JaneiroAbeÁfrica: Revista da Associação Brasileira de Estudos Africanos, v.03, n.03, Outubro de 2019

- ✓ **MARX**, Karl.; **ENGELS**, Frederic. Manifesto do partido comunista. São Paulo: Cortez, 1998.
- ✓ **NGOENHA**, Elias Severino (2004) *Os Tempos da Filosofia: Filosofia e Democracia Moçambicana*. Imprensa Universitária, UEM, Maputo, Moçambique.
- ✓ **OLIVEIRA, M. F. (2007)**. *Metodologia Científica*. Universidade Federal de Goiás: Caalão.
- ✓ **Pedro**, Cleidel Luiz etal (2015 ) AS CONSEQUÊNCIAS DO CAPITALISMO E OS EFEITOS DA GLOBALIZAÇÃO NAS CIDADES. Núcleo de Educação a Distância - Unimes Virtual; Edição Especial - Out.2015 - ISSN 1982-6109 Universidade Metropolitana de Santos (Unimes)
- ✓ **PIMENTA**, Carlos José Gomes (2003) «Globalização em África e (Des)Humanismo» Conferência Internacional “Humanismos Latino e Africano: Encontros e Desencontros” Dakar, Janeiro 2003.
- ✓ **PIMENTA**, Carlos José Gomes (2007) Apontamentos Herterodoxos Sobre a Globalização e Desenvolvimento em Africa. Faculdade De Economia Do Porto Centro De Estudo Africanos Da Universidade Do Porto. Desafios para a investigação social e económica em Moçambique.
- ✓ **PRODANOV**, Cleber Cristiano e **FREITAS**, Ernani Cesar (2013) Associação Pró-Ensino Superior em Novo Hamburgo *Metodologia do Trabalho Científico: Metodos e Técnicas de Pesquisae do Trabalho Acadêmico*. 2ª Edição. Rio Grande do Sul- Brasil. Univesidade FEEVALE.
- ✓ **ROCHA**, Milton Alberto Sousa (2013) *A Guerra Fria no Sul de África e Respectivas Consequências: Angola e África do Sul, 1975-1994*.
- ✓ **ROUQUE**, Fátima Moura (2012) *África a Nepad e o Futuro*. 2 ed. Texto Editores. Luanda Angola.

- ✓ **SARA**, Vidal (2017) *A Participação política das Mulheres – em Moçambique e na Tanzânia: um estudo comparado* ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa ISCTE – Instituto Universitário de Lisboa Julho. Dissertação submetida como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Estudos Africanos
- ✓ **SELLSTRÖM**, Tor (2008) *A Suécia e as lutas de libertação nacional em Angola, Moçambique e Guiné-Bissau* (Trad: Júlio Monteiros) NORDISKA AFRIKAINSTITUTET, UPPSALA 2008.
- ✓ **STEINGART**, Gabor (2009) *O CONFLITO GOBAL OU AGUERRA DA PROSPERIDADE*, 1º ed (Trad: João Bouza da Costa) Editorial Presença.
- ✓ **VILANCULOS**, Arlindo (2013), *Bipolarização e Multipartidarismo Desafios para o Sistema Democrático em Moçambique*, Trabalho final de Licenciatura em Administração Pública, Faculdade de Letras e Ciências Sociais da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo.

**Outras fontes:**

<http://www.fep.up.pt/docentes/cpimenta>.

António Muchanga *in*, [www.google.com](http://www.google.com).acessado aos 03/08/2021

[WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei de ministia](http://WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei%20de%20ministia)

[WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei](http://WWW.dw.com/pt/002/-parlamento.moçambicano/lei)

Carlos Mpole Moreira *in* [www.google.com](http://www.google.com).acessado aos 10/08/2021.

Informação extraída do Programa Matinal da Rádio Nacional de Angola, (Sábado Magazine), 9:06, no dia 17/Abril de 2021

Marcos Ngoma: entrevista realizada as 9:03, aos 21/05/2021

Entrevista realizada aos 08/08/2021, 9h:03.

Entrevista realizada 13/09/2021

Paulo Zola: entrevista realizada aos 27/08/2021, 14h:0

Entrevisata relizada aos 21/08/2021,as 09h:40.

Entrevisata relizada aos 21/08/2021,as 10h:23.

Pedro Jaime: entrevista realizada aos 23/09/2021, as 16:09

## **Anexos**

### **Anexo nº1**

Governo rejeita ingresso de 12 ex-guerrilheiros da RENAMO na Polícia 18.08.2021



Anexo nº 2



### Anexo 3

Acordos de PAZ assinado entre a RENAMO e a FRELIMO



